

MODA, GÊNERO E TEORIA QUEER – ALGUMAS APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

FASHION, GENDER AND QUEER THEORY - SOME POSSIBLE APPROACHES

Adair Marques Filho
Faculdade de Artes Visuais/UFG

Ana Lucia Galinkin
PPG em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações - PSTO/UnB

*“A moral não é queer. Nem a lei. Nem o direito. Isto é certo. Mas a certeza tampouco é queer. O governo nunca é queer. Mas dizer “nunca” não é nada queer. Nada? Cuidado! O gay talvez seja queer. Ah, “talvez” é sempre queer. Sempre? Não, isso não é queer. Mas deixemos de tanta cautela (isso, sim, é queer!).”
(Guacira Lopes Louro)*

Resumo: Por meio deste artigo, nos propomos a fazer algumas reflexões em torno dos conceitos de moda, gênero e teoria queer no sentido de estabelecer algumas aproximações entre os três campos. Os três campos de estudos citados, guardadas as devidas distinções, são brevemente apresentados com suas possíveis interconexões dentro das estratégias de visibilização.

Palavras-chave: Moda. Gênero. Teoria Queer. Aproximações.

Abstract: By means of this article, we consider in them to make some reflections around the fashion concepts, gender and queer theory in the direction to establish some approaches between the three fields. The three fields of cited studies, kept the had distinctions, briefly are presented with its possible interconnections inside of the visibilization strategies.

Key-Words: Fashion. Gender. Queer Theory. Approaches.

Introdução

Nos últimos anos temos presenciado a ampliação das discussões em torno do conceito de gênero e da forma como são construídas as representações desse conceito. Nosso objetivo então é articular as questões de gênero com a moda e a teoria *queer*, no sentido de propor a existência de vínculos, de aproximações que se colocam no âmbito das subjetividades. Já demarcando nosso posicionamento em relação ao que entendemos como subjetividade e de como ela é construída, lançamos mão das definições de Suely Rolnik de que,

a globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos de toda espécie, situados em qualquer ponto do planeta, numa

variabilidade e numa densificação cada vez maiores. As subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos dessa profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias mutáveis e coloca em cheque seus habituais contornos (1997, p. 19).

Para realizar tal intento, partimos do contexto da segunda guerra mundial, especificamente dos anos de 1950, no sentido de traçar uma genealogia das transformações comportamentais e imagéticas dos conceitos de masculinidade e de como esses conceitos têm experimentado significativos deslocamentos na contemporaneidade, visualizados, sobretudo, a partir da arena da moda com suas estratégias de disseminação de padrões corporais e imagéticos que são difundidos em sua maioria, pelas mídias.

Objetivando também, compreender algumas manifestações do campo da moda que enveredam para o “grotesco”, o “estranho” (Holmeistein,), adentramos no imbricado conceito definido pela teoria *queer*. Por fim, estas breves reflexões apresentam o campo movedição da teoria *queer* reverberando na cultura das aparências por meio das indumentárias e de como as questões de gênero como relações sociais se configuram no cenário do ocidente, refletindo também no cenário brasileiro.

Situando os conceitos no tempo e espaço – Moda, gênero e Teoria Queer

Considerando a moda como “uma técnica corporal, definida e colocada em prática em virtude das especificidades culturais de cada sociedade, valorizando certos comportamentos em detrimento de outros” (Dutra, 2002, p. 359), percebemos a necessidade de investigar as relações entre Moda, Gênero e Teoria Queer.

Os três grupos que compõem *corpus* teóricos distintos e, ao mesmo tempo complementares, a nosso ver, guardam em si elementos relacionais entre as estratégias de visualização, ou seja, as aparências como maneiras de identificação, de vinculação com determinados grupos sociais, guardadas as suas devidas proporções. Estas estratégias de visualização, empreendida principalmente por meio do vestuário e posteriormente sendo incorporadas pela

moda, se caracterizou, sobretudo, à partir do século XVII e se sedimentou com a revolução industrial do século XIX. Segundo Daniel Roche,

Entre os séculos XVII e XVIII, esse grande fenômeno recebeu um novo ímpeto, propiciando sua difusão além da França, que agora dá o tom para toda a Europa. Um dos fatores mais importantes, embora bastante negligenciado, nesse desenvolvimento era de ordem econômica: a existência de uma indústria de roupa de luxo, concentrada em Paris, com uma tradição, clientes e grandes interesses em jogo (2007, p. 57).

Isso nos leva a compreender que existiu e ainda existe uma clara distinção entre os aspectos simbólicos e técnicos da moda de caráter mais amplo e os usos que se fazem das roupas como produtos que podem ou não estarem inseridos dentro do sistema da moda.

Para Mara Rúbia Sant'anna “a forma-moda [...] encontra-se expressada em todo o sistema cultural, no qual os bens simbólicos são composições de artifícios de encontro de si, no consumo de um modelo para todos” (Sant'Anna, 2007, p. 92).

A dinâmica própria da moda faz com que haja lançamentos semestrais, que são precedidos de um rigoroso processo de pesquisa de referências (imagens e materiais), que seguem para a filtragem das referências e conseqüente criação de alternativas de produtos que, no mais das vezes são acompanhados dos conceitos definidos para a coleção em questão. Após a criação de alternativas, a coleção segue seu curso até atingir o consumidor final por meio das lojas ou, antes disso, das revistas de moda ou catálogos de divulgação.

Nestes processos podemos identificar, lançando mão dos conceitos cunhados por Barthes, três tipos de vestuário, o vestuário imagem, o vestuário escrito e o vestuário real. Sobre esses conceitos de vestuário Barthes afirma que,

O primeiro é o que se me apresenta fotografado ou desenhado, é um vestuário-imagem. O segundo é o mesmo vestuário, mas escrito, transformado em linguagem [...] Pelo menos poder-se-ia pensar que estes dois vestuários reencontram uma identidade a nível do vestuário real que parecem representar... Equivalentes, sem dúvida; mas idênticos, não; é que, assim como entre o vestuário-imagem e o vestuário escrito existe uma diferença de estrutura, também, destes dois vestuários ao vestuário real, há uma passagem para outros materiais e relações (1999, p. 15-16-17).

Então, temos no sistema da moda certa complexidade de ordem dos usos e dos significados dos termos empregados. Neste cenário, moda, roupa, vestuário e indumentária se interconectam, dialogam entre si, se diferenciam, contribuindo também como marcadores de gênero, como símbolos de identificação e como elementos que refletem status social, econômico e cultural dos indivíduos que fazem uso, principalmente, de marcas de moda.

Para nos situarmos e situar os leitores e leitoras sobre as relações sociais estabelecidas por meio das diferenças de gênero, que são socialmente construídas, usamos a fala de Scott (1998) citada por Madureira (2010) de que,

Quando falo de gênero, quero referir-me ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se refere apenas às idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior á organização social, ele é inseparável desta. Portanto, o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (...) (p. 115).

Considerando-se os diferentes contextos, podemos perceber que os estudos sobre gênero propõem inicialmente formas diferenciadas das mulheres se posicionarem no meio social. Nos anos de 1960 do século XX as discussões se ampliam, congregando além das mulheres como categorias discursivas, homossexuais masculinos e femininos, transexuais, bissexuais, etc. Consideramos então que, tanto a moda, quanto as relações de gênero são estabelecidas por meio das imagens veiculadas pelos meios de comunicação. Moda e gênero são carregados de discursos que comunicam modos de ser no mundo.

Sobre as imagens e sua difusão, podemos dizer que existe uma convergência sobre a idéia de que somos/estamos, usando a fala de Barthes, “cercados, impregnados de imagens” (2005, p. 70). E quais seriam os reflexos, os efeitos desta exposição midiática na construção e desconstrução das representações que fazemos sobre ser homem ou ser mulher em nossa

sociedade contemporânea? É possível fugir à idéia de binarismo sexual/de gênero? É o que propõe entre outras estratégias a teoria *queer*.

A teoria *queer* surge como um *corpus* teórico do qual Foucault é considerado seu precursor. O termo *queer* aparece nos anos 80, cunhado por Tereza de Laurentis, e nos anos 90, congrega teóricos como Judith Butler (1990; 2002a; 2002b), Javier Saéz (2004) e Gayle Rubin (1989), conquistando vários adeptos.

No Brasil, teóricos como Denílson Lopes (2004), Guacira Louro (2004) e, mais recentemente, Belidson Dias, têm contribuído para as discussões sobre o tema, apresentando suas pesquisas em congressos e dando vigor à crescente produção de artigos e livros nesta perspectiva. Estes autores têm a preocupação em distinguir e caracterizar o uso do termo *queer* no Brasil, diferenciando-o em relação aos Estados Unidos, seu contexto de origem.

A discussão amparada pela teoria *queer*, questões de gênero e moda é ampliada com a visão de autores pós-estruturalistas e pós-modernistas que situam as questões de gênero, sexualidade e masculinidade nos debates contemporâneos.

A teoria *queer* se propõe a “romper os espaços fixos e finitos da identidade”, partindo do princípio de que a “sexualidade não possui significados a priori, mas significados relacionais que se constroem, se imitam e são imitados” (Talburt, 2005, p. 25). Como movimento, desafia o significado pejorativo da palavra *queer* - do inglês, estranho, esquisito, efeminado, bicha; inverte o sentido negativo do termo e contribui tanto para “afirmar os direitos das diferentes opções sexuais como para minar, de dentro, um pensamento que encerra o outro em uma etiqueta, pretendendo-se a si mesmo invisível” (Alcoba, 2005, p. 9).

Os teóricos *queer* fazem algumas críticas aos conceitos de identidade de gênero no modo como ele é tratado pelos campos tradicionais das ciências sociais, da educação e dos estudos culturais. No entanto, a tradução desta enunciação “*queer!*” não pode ser feita sem reunir os atores desta designação-ação, sem que ela se repita e faça novo apelo à autoridade nela existente, autoridade que, às vezes, pode dissimular a sua historicidade. Esta enunciação solicita uma contextualização da sua força performativa que consiste em citar

um conjunto de práticas pré-existentes constituintes da condição do seu sucesso, conforme demonstra Butler (1990).

Em sintonia com as teorias pós-estruturalistas, pós-modernas¹ e pós-feministas, a teoria *queer* questiona os binômios de identidade, o caráter unitário da subjetividade e, principalmente, as idéias liberais referentes à autonomia do indivíduo e o conceito de comunidade com base no princípio da uniformidade. O princípio da uniformidade quando convertido em norma pode transformar-se em instrumento passível de mascarar diferenças materiais e culturais, criar imposições ou supressões visuais nos modos individuais e coletivos e gerar implicações nas práticas sociais e institucionais (Talburt, 2005).

Segundo Eagleton, o termo pós-moderno refere-se ao

movimento de pensamento contemporâneo que rejeita totalidades, valores universais, grandes narrativas históricas, sólidos fundamentos para a existência humana e a possibilidade de conhecimento objetivo. O pós-modernismo é cético a respeito de verdade, unidade e progresso, opõe-se ao que vê como elitismo na cultura, tende ao relativismo cultural e celebra o pluralismo, a descontinuidade e a heterogeneidade (2005, p. 27).

Sem pretender desenvolver uma discussão sobre a questão da pós-modernidade, nosso interesse neste caso é situar o leitor e, necessariamente, nos situar em um contexto que, a partir dos autores que utilizamos, apresenta situações e condições que fogem aos cânones da modernidade. Fogem, nesse sentido, ao individualismo, cristianismo, capitalismo burguês, e enfrentam a emergência de uma sociedade de massas, de canais de comunicação cada vez mais sofisticados, de transmissão de dados em alta velocidade, de avanços tecnológicos cada vez mais rápidos. Neste novo contexto, ressaltamos a valorização de estudos locais onde o micro passa a ser fundamental para dar visibilidade e voz a sujeitos antes menosprezados, fazendo com que as pessoas anônimas de outrora possam se mostrar.

¹ Não ignoramos aqui, a problemática que envolve o termo “pós-moderno”. Mas, adoto o termo mais comum dentre os utilizados correntemente tais como: super-modernidade, capitalismo tardio, modernidade tardia, modernidade reflexiva, ultramodernidade, sociedade do espetáculo, sociedade pós-industrial, etc.

Desta forma, a crítica pós-moderna caminha em sentido contrário as meta narrativas históricas, bem como, às análises teóricas sobre as macroestruturas sociais institucionalizadoras da desigualdade, defendendo que, qualquer crítica só pode ser produzida a partir de narrativas locais, devendo estas serem tratadas de forma autônoma, umas em relação às outras (Vaitsman, 1994, p. 39).

O conceito *queer* surge da reflexão, da análise crítica e da desconstrução realizada por autores pós-estruturalistas como Foucault e Derrida. Esses teóricos discutem e desmistificam a hegemonia heterossexual, preceito oriundo de uma visão patriarcal, corrente hetero-centrada no princípio de produção e reprodução. Insistem e mantêm que a noção de sujeito é criada através de discursos da linguagem e da cultura (Derrida, 1995; Foucault, 1980), pois

quando nascemos, chegamos a um cenário inventado previamente. Aqueles que não se encaixam nas categorias estabelecidas são demonizados ou tratados medicamente. Os teóricos queer, seguindo o trabalho de Foucault, tentam questionar esta demonização, normalização e tratamento. A chave do ativismo queer reside em puxar ao avesso as práticas de normalização (Morris, 2005, p. 41).

Este espírito ativista, provocador, empresta à teoria *queer* abrangência que congrega os indivíduos marginalizados ou rejeitados pela sexualidade convencional.

Conclusões preliminares

Considerando as três dimensões sociais em questão, moda, gênero e teoria queer, podemos concluir que,

O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel de maior importância na construção social da identidade. A escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre a aparência que se considera apropriada num determinado período (o que é conhecido como moda) (Crane, 2006, p. 21).

Então, de um lado temos a moda que se caracteriza como um elemento fundamental nas definições de identidades, ao mesmo tempo em que configura “posições nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status (Crane, 2006, p. 21), de outro temos os sujeitos *queers* que buscam desestabilizar convenções, subverter as normas sociais, rumo a uma sociedade pós-identitária, que ultrapassem as barreiras convencionais das identidades estáticas.

Neste rol de visualidades apontadas acima que agrega conceitos de apresentação (aparência) e identificação (identidade), circulam toda sorte de sujeitos e suas composições visuais, seus comportamentos sociais e suas orientações sexuais que juntas caracterizam esse sujeito contemporâneo que, a partir da segunda guerra mundial passam a experimentar novas formas de visibilidade. Formas estas que podem ser claramente identificadas nos anos de 1950 quando Robert Bly, fala sobre as distensões apresentadas pela perspectiva da psicanálise de que o conceito de masculinidade é vulnerável e essa vulnerabilidade deve ser combatida por meio de comportamentos agressivos, de virilidade, de potência, de uma busca pela razão em contraponto à sensibilidade feminina, neste caso dentro da cultura estadunidense.

Essas referências sobre as noções de masculinidades apontam que “durante la década de los cincuenta, por ejemplo, apareció un personaje americano con cierta consistência que se convirtió en modelo de masculinidad adoptado por muchos varones: el hombre de los concuenta” (Bly, 1998, P. 11). Esse homem dos anos de 1950 pode ser representado pela figura sedutora, galante e viril do ator Rock Hudson no filme *Assim caminha a humanidade*.

No entanto, as impermanências em relação aos conceitos na contemporaneidade são visíveis e acompanham a dinamicidade cultural, social, comunicacional, provocando os deslocamentos, tanto dos conceitos em si – seus significados – quanto, das práticas relacionadas às atividades prioritariamente masculinas e aquelas características de um comportamento feminino. Essas mudanças em relação às novas visões de mundo e as necessárias transformações sociais podem ser entendidas à partir que nos apresenta Robert Bly de que,

Durante da década de los sesenta, apareció otro tipo de hombre. La futilidad y la violencia de la Guerra de Vietnam hicieron que el hombre se preguntase si sabía realmente lo que significaba ser un varón adulto. Si la masculinidad significaba Vietnam, querían ser varones? (BLY, 1998, p. 12).

Essas transformações ocorridas, sobretudo, a partir dos anos de 1960 se prolongam e chegam aos dias atuais, passando pelos exageros visuais dos anos de 1970 e 1980, pela epidemia da AIDS, bem como pela emergência do movimento (teóricos e ativistas) *queer*.

Para finalizar este começo nos parece oportuno evocar as palavras de Guacira Lopes Louro de que o queer “assume o desconforto da ambigüidade, do ‘entre lugares’, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina” (2004).

Referências

- Alcoba, E. Prólogo a la edición española. In: Talburt, S.; Steinberg, S. (Eds.). *Pensando Queer: sexualidad, cultura y educación*. Barcelona: Graó, 2005.
- Barthes, R. *Sistema da Moda*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- _____. *Inéditos vol. 3 – Imagem e Moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BLY, R. *Iron Jhon – una nueva vision de la masculinidad*. Barcelona: Ediciones Gaia, 2004.
- Butler, J. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- _____. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del ‘sexo’*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- _____. *Críticamente subversiva*. In: Jiménez, R. M. M. (Ed.). *Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria, p. 55-79, 2002.
- Crane, D. *Moda, identidade e mudança social*. In: Crane, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, p. 21-63, 2006.
- Derrida, J. *A madness must watch over thinking*. In: Weber, E.: *Points...Interviews, 1974-1994*. Standford: Standford University Press, 1995.

Dutra, J. L. “Onde você comprou esta roupa tem para homem?”: a construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In: Goldenberg, M. (Org.). Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, p. 359-411, 2002.

Eagleton, T. A política da amnésia. In: Eagleton, T. Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 11-39, 2005.

_____. A ascensão e queda da teoria. In: Eagleton, T. Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 41-65, 2005.

_____. O caminho para o pós-modernismo. In: Eagleton, T. Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 67-108, 2005.

Foucault, M. História da sexualidade I – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

Lopes, D. O homem que amava rapazes e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004.

Louro, G. L. Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Madureira, A. F. do A. Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito. In: Galinkin, A.; Santos, C. (Orgs.). Gênero e Psicologia Social: interfaces. Brasília: TechnoPolitik, p. 31-63, 2010.

Morris, M. (2005). El pie zurdo de Dante pone en marcha la teoría queer. In: Talburt, S.; Steinberg, S. (Eds.). Pensando Queer: sexualidad, cultura y educación. Barcelona: Graó, p. 35-50, 2005.

Roche, D. História, moda e sistemas indumentários do século XVII ao século XIX. In: Roche, D. A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Editora Senac São Paulo, p. 57-75, 2007.

Rolnik, S. (1997). Toxicômanos de identidade – subjetividade em tempo de globalização. In: Lins, D. et al. (Orgs.). Cultura e subjetividades: saberes nômades. Campinas, SP: Papiurus, p. 19-24, 1997.

Rubin, G. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: Vance, C. (comp.). Placer y perigo: explorando la sexualidade femenina. Madrid: Revolucion, p. 113-190, 1989.

Sáez, J. Teoría Queer y psicoanálisis. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

Sant'Anna, M. R. Teoría de moda: sociedade, imagem e consumo. Barueri: Estação das Letras Editora, 2007.

Talburt, S. Introducción: contradicciones y posibilidades del pensamiento queer. In: Talburt, S. e Steinberg, S. (Eds.). Pensando Queer: sexualidad, cultura y educación. Barcelona: Graó, p. 25-34, 2005.

Vaitsman, J. Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.